

Concha brasileira hoje está na Disneylândia

Único longa-metragem brasileiro a conquistar o prêmio máximo do festival espanhol, o thriller ‘Pacificado’ hoje está no streaming de Mickey Mouse

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

De maneira orgânica, quase casual, a câmera da diretora de fotografia Laura Merians sempre fita olhares em “Pacificado”, desde os planos iniciais do Morro dos Prazeres, sempre medindo a investigação geopolítica do realizador Paxton Winters. Seu obturador abre e fecha à luz das periferias cariocas como se buscasse medir a dimen-



Jogos Olímpicos. O primeiro olhar que grita em cena é o de Léa Garcia, como Dona Preta, ou só Vó, a fiel Vó de Jaca, apelido do protagonista, uma espécie de samurai da favela, um ex-líder do tráfico, “bicho solto”, de quem só sobrou uma sombra, qual o “Kagemusha”, que rendeu a Palma de Ouro a Akira Kurosawa. Dona Preta é também bisca de Tati, personagem de Cássia Gil, menina que desenha essa história emotiva de reeducação dos quereres laureada com a Concha de Ouro no Festival de San Sebastián, na Espanha, em 2019. Jaca rendeu a láurea de Melhor Ator a Bukassa Kabengele e Laura ainda papou um troféu por seu arranjo fotográfico. Passaram-se cinco anos dessa consagração e, hoje, esse

são trágica do Rio de Janeiro de 2016 – data que se sobressai na narrativa por indícios espaciais. À frente de suas lentes, aparece o desmanche da estrutura montada para os



Bukassa Kabengele ganhou o prêmio de Melhor Ator em Donostia em 2019

filmaço – que teve o diretor americano Darren Aronofsky, de “A Baleia”, entre seus produtores – pode ser visto na grade da Disney+. É um pedida e tanto para quem curtir as plataformas digitais neste fim de semana.

Esse arranjo flagra o olhar de maré branda de Tati, que logo se faz molhar... marejando sonhos despedaçados por toda a sorte de demanda e de agressões de sua mãe, Andréa (Débora Nascimento, em um desempenho avassalador). Esta também esbugalha a pólvora que reside em sua retina... retinas dilatadas por carreiras e mais carreiras de pó e pela esperança vã de ter um lote de terra à sua espera em São Paulo. Andréa é um

corpo que definha... corpo desejado por muitos personagens mas que, já nos momentos iniciais do filme, revela um terço digno de Capitu... na ressaca de um determinismo que Winters estuda quadro após quadro. Esse organismo que entra em entropia em cena dimensiona a grandeza de sua intérprete.

O que vemos em “Pacificado” é o processo de redesenho da família de Tati depois que Jaca, o pai com quem nunca conviveu sai do cárcere disposto a mudar de vid. Mas mudanças custam caro para os trabalhadores do pó no RJ. Mas o preço a se pagar pela reinvenção justifica todo e qualquer calvário. É o que acompanhamos neste thriller caudaloso, que é um hino de amor aos Prazeres, cujos moradores delinearam a trama para Paxton.

Surpresa de Fincher

Quebra-se o pau em rodinhas cinéfilas faz tempo acerca do potencial coeficiente artístico das adaptações de HQs para o cinema, transformadas no principal veio de sustentação da indústria audiovisual para tela grande desde a estreia de “Homem de Ferro” (2008), com Robert Downey Jr. Uns cospem pra cima, a rejeitar o valor de filmes como “Marvels”, enquanto outros defendem as complexidades narrativas de longas como “Coringa”, ganhador do Leão de Ouro de 2019. Martin Scorsese esgarçou esse conflito ao dar um peteleco na hegemonia das transposições de comics sobre o cinemão. Agravou-se a peleja quando a Warner Bros. optou por engavetar “Batgirl” sem dar bola para a expectativa de fãs da super-heroína. Uma dose extra de gasolina tem ampliado essa fogueira – de vaidades e de puro pre-

conceito contra as artes gráficas – com a presença de “O Assassino” (“The Killer”), de David Fincher, na grade da Netflix. Foi o último longa a ser anexado a San Sebastián em 2023 e passou por lá com a pecha de “filme surpresa”. Até hoje comenta-se a força de sua projeção em telas bascas, onde as BDs são objeto de adoração.

BD, ou Banda Desenhada, é o nome que se usa no Velho Mundo pra definir álbuns gráficos em quadrinhos, de luxo, em capa dura, que optam por narrativas de gênero (fantasia, sci-fi, faroeste) ou por aulas de História (cheias de poesia) mas trilham caminhos que fogem do maniqueísmo. Nos EUA, quem dá as cartas nesse mercado é a Marvel e a DC. Mas, na França, quem gira a roda são tramas adultas, calcadas em temas políticos, que dissecam mitos, biografam



Michael Fassbender interpreta o matador de aluguel do cult de Fincher

artistas e tornam a palavra “herói” algo elástico. É o caso do quadrinho adaptado por Fincher, realizador que tem “Se7en” (1995) como um dos marcos de seu currículo. A argamassa de seu novo longa é a BD “Le

Tueur”, uma série de tramas policiais quadrinizadas pela dupla Matz (roteiros) e Luc Jacamon (desenhos), que foi publicada em terras europeias pela editora Casterman, a partir de 1998, na coleção Ligne Rouge. Trata-se da saga de um matador cheio de tormentos, alienado da culpa a partir do senso de perfeccionismo radical que move seu gatilho. Michael Fassbender assume o papel e nos desbunda com seu esplendor ao escavar angústias nos personagens que encampa.

Indicado ao Leão de Ouro, “O Assassino” acompanha a luta do verdugo de aluguel encarnado por Fassbender a fim de sobreviver depois de um erro cometido numa execução. Amores dele (Sophie Charlotte encarna o mais relevante) correm perigo, enquanto ele tenta se resguardar de seus patrões. Cada gesto dele é embalado num oceano de palavras, pois embarcamos em seu drama pela dimensão da palavra. Dimensão à qual Fincher dá vertigem. (R.F.)